

# Encontrar o Outro nos livros: A literatura juvenil ao serviço da construção de uma cidadania global,

por *Maria da Conceição Tomé e Glória Bastos*

## ■ Resumo

A questão do Outro, na actual sociedade global, reveste-se de grande importância, tendo em conta as grandes transformações ocorridas nas últimas décadas. A construção de uma cidadania global passa incontavelmente pela formação dos mais jovens para o respeito e aceitação do Outro e da sua diferença. Neste contexto, a literatura juvenil é um espaço privilegiado de encontro dos jovens com a diversidade cultural, com a

alteridade e a diferença, apoiando o desenvolvimento de competências interculturais. Pretende-se neste texto analisar a importância da literatura juvenil para a formação da cidadania global dos leitores (pré)adolescentes, pelo encontro que possibilita com imagens sociais e culturais do Outro.

## ■ Palavras-chave

Literatura juvenil; alteridade; cidadania global; representações do Outro

## 1. Introdução

A Cidadania Global é, como se pode ler no documento “Objectivos Estratégicos e Recomendações para um Plano de Acção de Educação e de Formação para a Cidadania”, elaborado no âmbito do Fórum Educação para a Cidadania, uma iniciativa do Ministério da Educação e da Presidência do Conselho de Ministros, “uma área tão crucial – urgente e abrangente” (ME, 2008, p. 16), sobretudo porque a “persistência de défices de cidadania na sociedade portuguesa – cidadanias passiva, dependente ou limitada que denunciam desigualdade e discriminações, fragilidade da cultura crítica, várias formas de iliteracia ou de apatia cívica – atingem a qualidade da democracia e do desenvolvimento”. Mas a cidadania não é, como sublinha Eduardo Marçal Grilo no prefácio do documento emanado deste Fórum (ME, 2008), “apenas o conjunto de direitos e deveres que os cidadãos devem exercer e cumprir. O exercício da Cidadania é sobretudo um comportamento, uma atitude e uma certa forma de ser, de estar e de fazer, em que cada um encara os problemas da sociedade em que se insere com a mesma prioridade com que aborda as suas questões individuais, atendendo aos direitos dos outros e em particular no respeito pela diversidade e pelas diferenças que caracterizam as sociedades em que vivemos nesta primeira década do século XXI” (p. 9).

Com efeito, as transformações sociais vividas nas últimas décadas, de forma particular os grandes movimentos migratórios contemporâneos, que questionam os conceitos de nação e de cidadania, têm vindo a suscitar numerosas reflexões filosóficas, éticas e culturais sobre a questão do Outro (Paterson, 2004). Como afirma Baptista (2006, p. 167), “Pensar a questão do Outro no contexto da actual globalização e dos fenómenos de nacionalismo que a têm acompanhado tornou-se, ultimamente, uma quase urgência. De temática lateral, que nem sequer tinha foros de verdadeira cidadania epistemológica ou de eminente dignidade filosófica, encontrámo-nos no presente como que compelidos a tratá-la frontalmente”. Nas últimas décadas, o Outro (estrangeiro) passou a estar mais perto de nós, devido sobretudo aos movimentos migratórios já referidos, mas também graças às viagens turísticas e aos meios electrónicos de comunicação. Vivemos, efectivamente, numa “aldeia global”, tal como a pensou Marshall McLuhan, sobretudo no que diz respeito à possibilidade de encontrar, através dos meios de comunicação de massa e das tecnologias de informação e comunicação, pessoas de outros países e culturas. Neste contexto, a literatura juvenil constitui-se também como um espaço de encontro do leitor com a alteridade. Como sublinha Paterson (2004, p. 19) “Plus que jamais, l’expérience de l’altérité est vécue et appréhendée para une grande partie de la population occidentale au moyen des voyages, des medias et de la lecture”.

Central ao trabalho comparatista no nosso tempo é, naturalmente, o encontro com o Outro (Buescu e Duarte, 2001) e o estudo das suas imagens e representações na literatura torna-se um campo de investigação especialmente produtivo e importante, tendo em conta sobretudo o papel que a literatura assume na formação para a cidadania dos leitores jovens (Bastos, 2008). Com efeito, a literatura é um espaço privilegiado de encontro dos mais jovens com a diversidade cultural, com a alteridade e com a diferença. Refira-se que concebemos o conceito de alteridade tal como o apresenta Paterson (2004, p. 22), não como um conceito “constant, inaltérable ou invariable, mais une construction idéologique, sociale, discursive, sujette à de profondes modifications selon le contexte”. Reconhecer o significado do conceito do Outro na literatura, implica poder identificá-lo como uma formação discursiva e cultural, sendo a alteridade não apenas associada ao estrangeiro, mas também àqueles cuja alteridade é determinada, na vida real, pela sociedade que os envolve, o que implica, necessariamente, no universo ficcional, um desvio em relação a um grupo de referência.

Ao longo deste texto reflectiremos sobre a importância da literatura juvenil na construção de cidadãos do Mundo e analisaremos, por outro lado, algumas figurações do Outro que são veiculadas aos adolescentes em produções literárias de potencial recepção juvenil. Não podemos esquecer que os textos literários, apesar de não constituírem representações exactas do mundo, apresentam determinadas visões e veiculam certos pontos de vista que acabam por provocar, naturalmente, efeitos nos leitores.

## **2. A Literatura juvenil, as figurações do Outro e a construção de uma cidadania global**

De acordo com Colomer (2005), a literatura destinada aos mais jovens cumpre três funções essenciais. Para além da aprendizagem da linguagem e das formas literárias básicas sobre as quais se sustentam e desenvolvem as competências interpretativas dos indivíduos ao longo da sua educação literária, concretiza ainda a importante função de incorporar os mais novos no imaginário da sua colectividade e socializar as novas gerações nos valores e condutas da sua cultura. A socialização cultural que a literatura é capaz de proporcionar, pela possibilidade de alargar o diálogo entre a colectividade e os mais jovens para dar-lhes a conhecer “como es o como se desearia que fuese el mundo” (*idem, ibidem*, p. 203) é particularmente importante no desenvolvimento dos jovens e na construção da competência intercultural.

Segundo Gomes, Silva & Ramos (s.d), a pertinência da promoção da educação intercultural tem vindo a ser considerada frequentemente, sobretudo nos países ocidentais, porque estes se têm vindo a deparar com problemas graves de integração das minorias étnicas, culturais e religiosas. A sociedade pós 11 de Setembro é uma sociedade que precisa urgentemente de promover a educação intercultural, pois esta possibilita, no caso particular do Outro estrangeiro, a formação de cidadãos capazes de compreender esse Outro e os problemas que o levaram a abandonar o local de origem; de aceitar o Outro sem questionar o lugar de onde vem, a sua língua e os seus costumes; de afastar os preconceitos resultantes de falta de comunicação entre as culturas; de reconhecer os aspectos positivos das outras culturas e os valores universais; de defender as ideias próprias tanto verbalmente como através da acção, pela participação activa na vida social e cultural; de entender que todos somos

peçoas, com os mesmos direitos e que todos temos direito a alcançar as mesmas metas, em suma, de formar peçoas solidárias, respeitadoras e justas (cf. Sánchez Moral e Martín Albo, 2003, p. 128).

A literatura juvenil é, potencialmente, neste âmbito, um elemento mediador, porque permite o encontro dos leitores jovens com o Outro e o confronto com outras culturas e com múltiplas diferenças. Através da literatura, os leitores podem aprender valores essenciais como o altruísmo, a tolerância, a solidariedade, o civismo, a aceitação do Outro e da sua diferença, quer esta se refira à nacionalidade, à raça, à cor, ao credo, à condição física ou mental ou orientação sexual. No entanto, não podemos esquecer que os livros espelham, antes de mais, as próprias percepções dos seus autores, assumidas de uma forma mais ou menos consciente e explícita. Na literatura infantil e juvenil, a cultura que olha o Outro é, antes de mais, a do adulto-autor, e o quadro que traçámos no início deste parágrafo em relação a um “plano de acção” ideal, no que se reporta ao relevante papel da literatura para os mais novos no campo da cidadania e do diálogo intercultural, muitas vezes não se concretiza quando analisamos as obras concretas que o mercado coloca à disposição dos jovens leitores.

Neste contexto, Blockeel (2001) constata, precisamente, na sua tese de doutoramento publicada com o título *Literatura Juvenil portuguesa: identidade e alteridade*, a partir da análise que efectuou a produções da literatura juvenil do período entre 1974 e 1994, uma atitude de “fobia” face ao Outro estrangeiro. Este, ou é silenciado, ou aparece apenas como referência devidamente enquadrada nos eventos históricos portugueses, ou então é retratado de forma pouca elogiosa, através de estereótipos. Os livros juvenis do período assinalado, segundo esta autora, quase não transmitem conhecimentos sobre a vida, a cultura, a maneira de ser e os costumes contemporâneos de outros países, dificultando, naturalmente, a tomada de consciência e o conhecimento social do Outro. Mais: das narrativas analisadas destaca-se que a cultura portuguesa não é acolhedora para o Outro, que o encara com uma atitude depreciativa, não dando provas de saber dialogar com ele de igual para igual. De acordo ainda com Blockeel (2001), a literatura portuguesa “parece, portanto, diferenciar-se de outras literaturas para jovens, no sentido de que lhe falta uma grande parte do espaço que o leitor poderia descobrir, a saber, o espaço do Outro” (p. 380), “o diálogo com o Outro, o verdadeiro conhecimento da cultura alheia” (p. 387). Em suma, constata-se um certo etnocentrismo na literatura juvenil portuguesa.

Esta constatação é também reforçada por Gomes (2008) que afirma faltar em Portugal, para além de criatividade no domínio da ficção juvenil e consciência da memória histórica, a abertura a outras culturas. E este aspecto é de crucial importância, uma vez que a literatura é um ponto de encontro privilegiado dos jovens com a diversidade de culturas (Bastos, 2008), contribuindo, através desse encontro, para a formação para a cidadania. No entanto, as imagens culturais sobre o Outro que os jovens encontram disponíveis apoiam-se, com alguma frequência, na transmissão de visões estereotipadas, cristalizadas e não problematizadas da alteridade.

Recordando as palavras de Teresa Colomer (1998, p. 22), “a literatura no pode olvidar que las obras dirigidas a los niños tienen una misión de diálogo cultural, una tensión para buscar el lector allí donde está para tirar de él hacia nuevos modos de comprensión, una situación de diálogo social entre generaciones”. Na questão particular da literatura juvenil, cremos, tendo especialmente em conta que as produções literárias são destinadas a (pré)adolescentes – e sendo a adolescência um período de formação particularmente importante durante o qual os processos de socialização ocupam um papel preponderante na construção do *Eu* e na formação para a cidadania – que as figurações do Outro (estrangeiro ou diferente) presentes na literatura deverão permitir aos jovens aprender a olhar o Outro com respeito e a assumir uma posição de leitura crítica e reflexiva sobre o mundo.

No que diz respeito ao Outro estrangeiro, é possível verificar em algumas das produções literárias que fazem parte de uma colecção muito apreciada pelos jovens portugueses – referimo-nos à colecção “Uma Aventura”, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, publicada pela Editorial Caminho, e, de forma específica, a alguns dos livros cuja acção se desenvolve num espaço geográfico que não o português – que o Outro estrangeiro é representado de forma amistosa, mas frequentemente através de imagens estereotipadas e confinado a papéis de figuração (Tomé e Bastos, 2010). Os jovens leitores acompanham os protagonistas em aventuras que se realizam em diferentes países (Espanha, França, Macau, Egipto, Brasil, Tailândia...) ficam a conhecer, em alguns casos, aspectos culturais mais tradicionalmente representativos, nomeadamente aspectos da religião, hábitos alimentares (que frequentemente causam repugnância aos protagonistas), alguns costumes e tradições. Em relação à língua, um aspecto curioso nos livros desta colecção é que parece ser evidente o esforço feito pelo Outro para entrar em comunicação com os protagonistas (jovens adolescentes portugueses), o que nem sempre tem correspondência por parte des-

tes, que manifestam dificuldades em estabelecer comunicação com os estrangeiros. A proximidade com o Outro acaba por ser um elemento com algum destaque, mas concretiza-se quase sempre no facto de esse Outro ter antepassados portugueses (sendo, afinal, também um pouco de nós) e por isso a nossa língua não lhe é de todo estranha ou então teve possibilidade de aprender o português. Em alguns dos livros, no final, as autoras apresentam textos informativos sobre esses países e sobre a forma como decorreu a sua viagem aos mesmos antes da escrita da aventura, mas não há, na parte ficcional dos textos, uma grande interacção dos protagonistas com o Outro estrangeiro de forma a proporcionar a consciência das suas diferenças/semelhanças, dando a conhecer, por exemplo, a forma como os jovens desses países vivem no quotidiano.

No âmbito de questões relacionadas com a identidade e orientação sexual, refira-se que, nas produções literárias contemporâneas destinadas a (pré)adolescentes, parece notório o facto de, inscritas no âmbito das representações hegemónicas de género, a identidade masculina e feminina surgirem associadas a um conjunto de valores e condutas. Por isso, a questão da homossexualidade, sendo uma questão polémica na sociedade portuguesa actual, surge, na literatura juvenil, de uma forma periférica, e com manifestações sobretudo ao nível da homofobia, veiculando alguns estereótipos preconceituosos e homofóbicos ainda vigentes. Basta retermo-nos na leitura de outra colecção também de sucesso, junto de adolescentes e jovens – concretamente a colecção “Profissão Adolescente”, com um número assinalável de livros escritos por Maria Teresa Maia Gonzalez – para encontrarmos vários exemplos de uma linguagem que transporta consigo visões de rejeição, deste “outro”, considerado “diferente” face a determinados padrões sociais.

Refira-se que surgem, em alguns textos, personagens que despoletam a reflexão sobre esta problemática, veiculando atitudes de alguma tolerância e de desconstrução de preconceitos. As produções literárias espelham, sobretudo, a dificuldade em aceitar a diferença no que respeita à orientação sexual, sendo as próprias personagens agentes de discriminação dos colegas muitas vezes apenas baseados em conceitos estereotipados. Esta construção de estereótipos homofóbicos tem vindo a ser realizada ao longo dos tempos através de vários discursos que, de alguma forma, instrumentalizam o medo que se tem do Outro, da sua diferença, tentando fixar os limites da “normalidade”, tal como sublinha Tamagne (2002, p. 61):

L'abondance et la variété des stéréotypes homophobes n'ont d'égaux que la peur et le danger que l'homosexualité fait peser sur les valeurs des sociétés qui produisent ces images.[...] L'homophobie joue alors sur l'opposition masculin/féminin pour susciter la fascination, le ridicule, la peur ou la haine, imposant des modèles de l'homosexualité qui imprègnent les mentalités, tant des homosexuels que des hétérosexuels.

Note-se que o confronto dos leitores jovens com qualquer tipo de estereótipos acaba por não apoiar, naturalmente, a formação para uma verdadeira cidadania global. Aliás, como afirma Bennet (1998, p. 6), “stereotypes arise when we act as if all members of a culture or group share the same characteristics [...] Stereotypes can be attached to any assumed indicator of group membership, such as race, religion, ethnicity, age, or gender, as well as nation culture,[...] Stereotypes are problematic in intercultural communication for several obvious reasons”.

É pertinente sublinhar que as figurações do Outro presentes nas produções literárias de potencial recepção juvenil possuem uma dimensão cultural que reenvia para a própria sociedade, porque são produzidas, dentro da própria cultura, por sujeitos com formas próprias de ver os outros e o mundo – os autores. Neste contexto, como afirma Politis (2006, p. 238), “les perceptions sociales et politiques dominantes ainsi que les préférences et attitudes personnelles de l'auteur composent une charge idéologique imprégnant, consciemment ou non, les livres (de littérature)”. Desta forma, os próprios autores, enquanto agentes sociais, contribuem para a criação de imagens culturais e sociais do Outro, para a manutenção, em alguns casos, de preconceitos e estereótipos (ou para a sua desconstrução) que acabarão por influenciar, positiva ou negativamente, comportamentos e atitudes dos leitores jovens.

### **3. Considerações finais**

Partilhamos a perspectiva de Colomer (1999), lembrando que desde a segunda guerra mundial um dos valores primordiais da literatura infantil e juvenil é fomentar o conhecimento e o respeito pelas outras raças e culturas. Como afirma Delors (1996, pp. 42-44), o conhecimento das outras culturas torna-nos conscientes da nossa própria cultura, mas também da existência de um património comum ao conjunto da humanidade; compreender os outros faz com que cada um se conheça melhor a si

mesmo, devendo todos os indivíduos cultivar, como utopia orientadora, o propósito de encaminhar o mundo para uma maior compreensão mútua, mais sentido de responsabilidade e mais solidariedade na aceitação das nossas diferenças espirituais e culturais. Apenas desta forma, aprendendo a viver juntos, no respeito pelas diversas culturas e diferenças, será possível a construção de uma sociedade mais fraterna, porque constituída por verdadeiros cidadãos, conscientes dos direitos de todos.

A literatura juvenil pode, efectivamente, favorecer o diálogo cultural e a compreensão dos diferentes pontos de vista sobre o mundo, ajudando os jovens a tornarem-se verdadeiros cidadãos. A leitura de livros – do texto e das imagens que o acompanham – é, inquestionavelmente, também uma forma de aprendizagem sobre os factos sociais e culturais, pelo que a literatura acaba por se inscrever numa visão mais alargada de formação cultural que contribui para o desenvolvimento da competência intercultural. Os leitores, em formação, apreendem pelas palavras (e pelas imagens) as representações que moldarão, de alguma forma, a tomada de consciência e o conhecimento social do Outro, desenvolvendo competências de comunicação intercultural.

Sublinhamos, com Politis (2006), que o contacto das crianças e jovens com produções literárias de diferentes culturas, onde existam heróis de diferentes países, oferecendo modelos positivos e autênticos, ajudam os mais novos a “estimer l’idiosyncrasie d’autres groupes culturels, à limiter leur ethnocentrisme culturel et à développer une variété de points de vue” (p. 240), o que contribuirá para a formação de um “leitor intercultural”. Este novo tipo de leitor “intègre le livre et la lecture dans un cadre d’un ‘écosystème’ de notions comme l’interaction, la curiosité, le besoin de comprendre l’autre et sa culture, l’élargissement des relations, l’autonomie dans la dépendance, l’amitié, l’amour etc.” (*idem, ibidem*, p. 243).

O leitor (pré)adolescente, enquanto leitor pensador, procura descobrir nas histórias que lê o sentido da vida, valores e verdade, imagens ideais e autênticos modelos para imitação. Neste contexto, a leitura, quer a que se faz de forma orientada na sala de aula, quer a que se realiza de forma autónoma, por prazer, assume um papel importante na formação dos alunos para a cidadania global.

Em suma, a literatura juvenil, se efectivamente representar o Outro, a sua cultura e/ou a sua diferença de forma realista e isenta, sem preconceitos e sem recurso a estereótipos, contribuirá para a formação dos (pré)adolescentes, para que estes se tornem “agentes activas/os da eliminação dos mecanismos sociais que constroem e

reproduzem a desigualdade e as discriminações, bem como a valorizar as diversidades como fonte de enriquecimento humano.” (ME, 2008, p. 21).

Mais do que espelhar a realidade social, a literatura pode favorecer o diálogo cultural e a compreensão dos diferentes pontos de vista sobre o mundo (cf. Bastos, 2008), e deve contribuir, juntamente com outras formas de arte, para a construção de uma cidadania global, promovendo o respeito pelos direitos humanos e a aceitação do Outro e da sua diferença. Caso contrário, os leitores adolescentes continuarão a interiorizar e a reproduzir as mesmas crenças e os mesmos preconceitos que a ordem social de alguma forma tem vindo a impor (em relação a problemáticas como as questões de género, de orientação sexual, e outros), comprometendo a formação de verdadeiros cidadãos. A literatura juvenil pode e deve constituir-se como uma mais-valia na formação de “um ser humano livre, responsável, autónomo, solidário, sujeito de direitos, respeitador das outras pessoas e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, com um espírito crítico, democrático, pluralista, criativo e interventivo face à sociedade”. (ME, 2008, p. 17).

## Referências Bibliográficas

- Baptista, M. M. (2006). A Questão do Outro na Europa da Cultura. In Norberto Cunha (2006). *Europa, Globalização e Multiculturalismo* (pp. 165-179). Vila Nova de Gaia: Editora Ausência.
- Bastos, G. (2008). Images de l'orient dans la littérature de jeunesse au Portugal, *Actas do Colóquio Internacional Orient et Occident/East Meets West in Istanbul*, 23 e 24 de Junho de 2008, Istambul (no prelo).
- Bennet, M. J. (1998). Intercultural communication: a current perspective. In Bennet, Milton J. (ed.). *Basic concepts of intercultural communication: selected readings* (pp. 1-34). Yarmouth (ME): Intercultural Press.
- Blockeel, F. (2001). *Literatura Juvenil portuguesa: identidade e alteridade*. Lisboa: Caminho.
- Buescu, H. C., Duarte, J. F. (coord.) (2001). *Narrativas da Modernidade: a construção do Outro*. Lisboa: Ed. Colibri/C. Est. Comparatistas.
- Colomer, T. (1999). *Introducción a la literatura infantil y juvenil. Didáctica de la lengua y la literatura*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Colomer, T. (2005). El desenlace de los cuentos como ejemplo de las funciones de la literatura infantil y juvenil. *Revista de Educación*, n.º Extra 1, 203-216. Recuperado em 2 de junho de 2009 de [http://www.revistaeducacion.mec.es/re2005/re2005\\_16.pdf](http://www.revistaeducacion.mec.es/re2005/re2005_16.pdf)
- Delors, J. (coord.) (1996). *Educação, um Tesouro a Descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Porto: ASA.
- Gomes, J. A. (2008). *A literatura não é um catecismo pronto a usar*. Recuperado em 28 de maio de 2009 de <http://www.educare.pt/educare/Actualidade/Noticia.aspx?contentid=510BF6874A770B5AE04400144F16FAAE&opse=1&channelid=0>
- Ministério da Educação (2008). *Fórum Educação para a Cidadania. Objectivos Estratégicos e Recomendações para um Plano de Acção de Educação e de Formação para a Cidadania*. Recuperado em 10 de novembro de 2009 de [http://www.min-edu.pt/np3content/?newsId=297&fileName=edu\\_cidadania.pdf](http://www.min-edu.pt/np3content/?newsId=297&fileName=edu_cidadania.pdf)
- Sánchez Moral, E.; Martín Albo, C. (2003). Educación en valores en una sociedad abierta y plural. *Educación y Futuro*, nº 8, 125-132.
- Paterson, J. M. (2004). *Figures de l'Autre dans le roman québécois*. Québec: Editions Nota bene.
- Politis, D. (2006). Les livres pour enfants et les pratiques interculturelles dans l'école primaire d'aujourd'hui. *Didáctica (Lengua y Literatura)*, vol. 18, 237-247. Recuperado em 2 de junho de 2010 de <http://revistas.ucm.es/edu/11300531/articulos/DIDA0606110237A.PDF>
- Tamagne, F. (2002). Genre et homosexualité: De l'influence des stéréotypes homophobes sur les représentations de l'homosexualité, Vingtième Siècle. *Revue d'histoire* 3/2002 (nº 75), 61-73. Recuperado em 4 de outubro de 2010 de [www.cairn.info/revue-vingtieme-siecle-revue-d-histoire-2002-3-page-61.htm](http://www.cairn.info/revue-vingtieme-siecle-revue-d-histoire-2002-3-page-61.htm)
- Tomé, M. da C., Bastos, G. (2010). *A Ilustração na literatura para jovens: a imagem do Outro* – Actas do 8.º Encontro Nacional | 6.º Internacional de investigação em leitura, literatura infantil & ilustração, Universidade do Minho, 9 e 10 de Julho (no prelo).